

CONECTORES SEQUENCIADORES E, AÍ E ENTÃO NA FALA DE NATAL/RN: INDÍCIOS DE ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL

Maria Alice Tavares¹

Resumo: À luz de uma abordagem teórica sociofuncionalista, investiguei um fenômeno de variação no domínio funcional da “sequenciação retroativo-propulsora de informações”. Este domínio é responsável por conectar um enunciado precedente a um posterior, gerando a expectativa de que algo novo será introduzido no discurso, em continuidade e consonância com o já dado. Em Natal (RN), essa conexão sequenciadora é codificada com mais frequência pelos conectores E, AÍ e ENTÃO, que tratei como formas variantes no domínio funcional sob enfoque. Os resultados, obtidos através de análise quantitativa, mostram possibilidades de especialização de E, AÍ e ENTÃO em contextos linguísticos específicos. Esse tipo de especialização pode ser considerada um processo de “especialização por especificação”.

Palavras-chave: Conectores E, AÍ e ENTÃO; especialização; sociofuncionalismo.

Sequence connectors E, AÍ and ENTÃO in the speech of Natal/RN: Evidences of functional specialization

Abstract: Under the light of a sociofunctionalism theoretical approach, I investigate a variation phenomenon in the functional domain of “retroactive-propeller sequencing”. This domain is responsible for connecting a past statement to a future one, creating the expectancy that something new will be introduced in discourse, in continuity and consonance with what was already said. In Natal (RN), this sequencing link is codified most frequently by the connectors E, AÍ and ENTÃO, which I treated as variant forms in the functional domain under study. The results, obtained through quantitative analysis, show possibilities of specialization of E, AÍ and ENTÃO in specific linguistic contexts. This kind of specialization can be thought as a “specialization by specification” process.

Keywords: Connectors E, AÍ and ENTÃO; specialization; sociofunctionalism

1 INTRODUÇÃO

Quando um falante ou escritor estabelece uma relação coesiva entre enunciados sequenciados segundo uma ordenação temporal ou discursiva, está em jogo a sequenciação retroativo-propulsora, domínio funcional² responsável por indicar que

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Doutora em Linguística pela mesma instituição. Professora Adjunta IV na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista de produtividade em pesquisa (PQ) do CNPq. Membro do grupo de pesquisa Estabilidade, Variação e Mudança Linguística (EVM) e do Programa para a História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB-RN). Vice-coordenadora do GT de Sociolinguística da ANPOLL no período de agosto de 2010 a julho de 2012. Email: aliceflp@hotmail.com.

² Emprego “domínio funcional” no sentido de Givón (1984) em referência a áreas funcionais gerais (ou macrodomínios) como TAM (tempo/ aspecto/ modo), caso, referência, passivização, impessoalização ou áreas mais estritas (microdomínios), como o tempo futuro, o modo subjuntivo, o sujeito, o tópico, a dêixis, a anáfora, etc. A noção de domínio é válida, portanto, para diferentes domínios superordenados nas hierarquias funcionais em que se distribuem as funções da língua: um certo tempo é um microdomínio em relação ao domínio TAM, por exemplo, mas podemos tratar qualquer dos tempos por “domínio funcional”. Ou seja, os domínios funcionais organizam-se em um escopo gradiente, podendo ser vistos como fenômenos superordenados. Assim, temos o macrodomínio da articulação/conjunção geral entre informações, que engloba, como microdomínios, além da sequenciação retroativo-

um enunciado será introduzido no discurso em continuidade e consonância com o já dado. É o que tento apreender com a expressão *retroativo-propulsora*: os movimentos simultâneos de retroagir – conduzindo a atenção do interlocutor para trás no discurso – e de propulsionar – conduzindo a atenção do interlocutor para a frente, para a continuidade do discurso. A sequenciação retroativo-propulsora é codificada por conectores tais como E, AÍ, DAÍ, ENTÃO, DEPOIS e PORTANTO. O campo de atuação desses conectores é a tessitura de partes do discurso de proporções variadas, servindo como indícios linguísticos para que o ouvinte ou leitor perceba a relação de sequenciação pretendida pelo falante ou escritor.

Neste estudo, utilizei como fonte de dados o *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). Selecionei uma amostra de fala composta por trinta e dois textos assim distribuídos, quanto aos gêneros do discurso: oito narrativas de experiência pessoal, oito relatos de procedimento, oito descrições de local e oito relatos de opinião. Esses textos foram produzidos por oito indivíduos natalenses, quatro de 9 a 11 anos de idade e quatro de 18 a 20 anos.

Em tal amostra, observei que a sequenciação retroativo-propulsora é codificada com muito mais frequência pelos conectores E, AÍ e ENTÃO, sendo os demais sequenciadores pouco recorrentes, o que dificulta sua inclusão em uma análise estatística. Decidi, então, para este estudo, recortar apenas E, AÍ e ENTÃO como formas variantes no domínio da sequenciação. Vejamos alguns exemplos:

(1) eu jogo bola ... o primeiro campeonato que eu fui foi aqui mesmo na rua ... quem tava jogando era eu e Loamir ... contra Klibson e Welton ... ENTÃO foi expulso Loamir AÍ ficou só Klibson e Welton ... AÍ eu joguei sozinho ... E nós ganhamos de um a zero ... ENTÃO fomos pras semifinais E ganhamos de dois a zero ... E foi pra final E ganhamos nos pênaltis ... (*Corpus Discurso & Gramática* - Natal)

(2) AÍ passa pro dois ... AÍ o dois ... a velocidade do giro do dois ... do floculador dois vai ser menor do que do um ... por quê ? porque na hora que passa pra dois E ... o floco já tá se formando ... ENTÃO se a velocidade for a mesma ... o foco ... o floco que se forma num:: vai se destruir ... né ... é muito fraco E vai findar quebrando ... né ... ENTÃO se reduz a velocidade do giro lá

propulsora, a adversão, a concessão, a causalidade, e todos os demais tipos de relações conjuntivas. No caso deste artigo, recortei, como objeto de análise, a microfunção de sequenciação retroativo-propulsora.

do mecanismo ... AÍ vai pro terceiro floclador ... floclador três AÍ a velocidade é menor ainda ... (*Corpus Discurso & Gramática - Natal*)

A sequenciação retroativo-propulsora é tomada aqui como variável dependente a ser analisada à luz da articulação de pressupostos teórico-metodológicos de duas teorias: a sociolinguística variacionista (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001) e o funcionalismo linguístico de vertente norte-americana (cf. HOPPER; 1987; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995, 2001, 2005; BYBEE; HOPPER, 2001). Essa orientação de pesquisa é denominada “sociofuncionalista”, pois aborda a variação linguística sob o prisma da função desempenhada pelas formas variantes e busca explicações de base funcionalista para os resultados quantitativos (NEVES, 1999; TAVARES, 2003).

Analisei a influência de grupos de fatores linguísticos e sociais sobre o uso dos conectores E, AI e ENTÃO. Obtive um total de 901 dados, que submeti a tratamento quantitativo através do pacote estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988) para cálculo de frequências, percentuais e pesos relativos. Neste artigo, apresento os resultados referentes aos grupos de fatores *relações semântico-pragmáticas* e *níveis de articulação*,³ resultados esses que permitem observar tendências de especialização de E, AÍ e ENTÃO em contextos linguísticos específicos.

A seguir, apresento uma síntese da abordagem teórica adotada, os resultados obtidos e as considerações finais.

2 ABORDAGEM SOCIOFUNCIONALISTA

Algumas linhas guias da perspectiva sociofuncionalista ressaltam a interação entre pressupostos das teorias funcionalista e variacionista: (i) o objeto de estudo é a língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança; (ii) os fenômenos linguísticos que constituem o alvo das investigações são analisados em situações de comunicação real em que falantes reais interagem; (iii) fenômenos de variação e de mudança podem ser atestados através de tratamento empírico com quantificação estatística.

³ Controlei também os seguintes grupos de fatores linguísticos e sociais: modalidade da língua (fala e escrita), gêneros do discurso, traços semântico-pragmáticos do verbo da oração introduzida pelo conector sequenciador; sexo, escolaridade e idade dos falantes (cf. TAVARES, 2008).

A sociolinguística variacionista tem como objeto de estudo a estrutura e a evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala. A visão de língua da sociolinguística acomoda os fatos de uso variável e seus determinantes sociais, estruturais e estilísticos, rompendo com a identificação entre estrutura e homogeneidade. A variabilidade é uma propriedade essencial da língua e um pré-requisito para a mudança linguística, podendo ser vista como um indício sincrônico de um processo em andamento que eventualmente resultará em mudança categórica. Um dos pressupostos básicos é de que a variação é regular, capaz de ser sistematizada e analisada quantitativamente, com base no controle de grupos de fatores condicionadores passíveis de contribuir para a seleção de uma ou outra das formas que disputam determinado emprego. A variação assim definida implica a existência de formas variantes, que ocorrem no mesmo contexto com o mesmo significado referencial, isto é, referindo-se ao mesmo estado de coisas (cf. LABOV, 1978). A esse conjunto de formas de mesmo significado referencial denomina-se “variável dependente”.

As variantes devem ter o mesmo significado, isto é, devem se referir ao mesmo estado de coisas. Entretanto, para tomar o domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora como variável dependente, faz-se necessário estender a noção de significado de modo a abarcar o plano funcional, pois a sequenciação é uma função de natureza relacional, pertinente ao âmbito gramatical e, mais especificamente, à interligação de partes do discurso. E qual é o seu significado? É o valor de indicar um ponto passado no discurso e, ao mesmo tempo, de indicar um ponto futuro, que se relaciona com o primeiro por se seguir a ele. Assim, direciona para a frente, evidenciando que o que foi dito anteriormente é uma fonte de informações para o que será dito depois. Uma vez que os conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO desempenham uma mesma função relacional, podem ser estudados como variantes de uma mesma variável.

Numa ótica funcionalista, a gramática é concebida como maleável, emergente, motivada pela situação comunicativa e pela função cognitiva. Ela é, nas palavras de Ford, Fox e Thompson (2003, p. 122):

[...] um conjunto vagamente organizado de memórias sobre o que as pessoas ouvem e repetem ao longo de sua vida em situações de comunicação, um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem

para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com maior frequência.

Estratégias retóricas envolvendo itens lexicais e/ou gramaticais, inicialmente criativas e expressivas, tornam-se habituais por terem sido utilizadas recorrentemente em determinado tipo de contexto interacional (HOPPER, 1987). Segundo Thompson e Couper-Kuhlen (2005), tais padrões gramaticais habituais suprem a necessidade humana de seguir modos rotinizados para agir no mundo: certos tipos de ação desencadeiam certos tipos de gramática.

Essa visão dinâmica da gramática pressupõe que as línguas estão em constante mudança, decorrentes de pressões de uso e de pressões do próprio sistema gramatical. Interessa a este estudo um processo especial de mudança: a gramaticalização – caso em que itens e construções lexicais, devido a pressões de similaridade entre os contextos comunicativos, adquirem, no curso do tempo, um novo estatuto como elemento gramatical, tendendo a se tornar mais regulares e previsíveis, e podendo, uma vez gramaticalizados, continuar a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Vislumbrei a possibilidade de associação da sociolinguística variacionista com o funcionalismo norte-americano para estudar a sequenciação retroativo-propulsora em um dos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991, p. 22), a estratificação (*layering*): “Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas.”

A possibilidade de existência de camadas diferentes, prevista pelo princípio de estratificação, aponta para o fenômeno da variação linguística, pelo qual as formas inovadoras passam a conviver e a disputar por espaço com as demais, tanto na fala dos indivíduos quanto na gramática da comunidade (cf. TAVARES, 1999, 2003; NARO; BRAGA, 2000). É o que aconteceu no domínio da sequenciação retroativo-propulsora: AÍ, que se tornou conector apenas na língua portuguesa, não substituiu os conectores

mais antigos, E e ENTÃO, que derivaram de formas que já eram sequenciadoras no latim.⁴

Por conseguinte, como decorrência da gramaticalização, as três formas passaram a atuar variavelmente no mesmo domínio funcional, com funções sobrepostas: trata-se de *camadas* (termo do funcionalismo) ou *variantes* (termo da sociolinguística) no domínio da sequenciação retroativo-propulsora.⁵ Cada conector recém-chegado passou a conviver e a competir por espaço com os demais, em uma situação de *estratificação* (termo do funcionalismo) ou *variação* (termo da sociolinguística).

Assim sendo, estudar variação é, no caso aqui delineado, estudar gramaticalização: o fenômeno de variação entre os conectores E, AÍ e ENTÃO na fala natalense representa uma etapa do processo de mudança em que convergiram os percursos de gramaticalização seguidos por cada um deles.

Fenômenos de variação podem passar por longos períodos de estabilidade ou ser resolvidos ao longo do tempo. Nesse caso, uma das seguintes possibilidades de solução para a variação pode estar em jogo:

(i) uma das variantes prepondera sobre as demais, adquirindo um significado gramatical mais geral, o que pode acarretar a eliminação das formas que com ela competiam – fenômeno denominado *especialização* por Hopper (1991) e por mim denominado *especialização por generalização* (TAVARES, 1999, 2003);⁶

(ii) cada variante adquire funções mais específicas e/ou passa a ser empregada em contextos semântico-pragmáticos e/ou morfossintáticos específicos, eliminando-se assim a variação – processo denominado por mim de *especialização por especificação* (cf. TAVARES, 1999, 2003). Nesse caso, nenhuma forma seria excluída ou generalizada para cobrir todas as funções pertinentes a um domínio particular, mas cada forma seria empregada em certas funções e/ou contextos particulares pertinentes ao domínio. O

⁴ Conferir em Tavares (2003) maiores detalhes sobre as etapas dos percursos de gramaticalização seguidos por E, AÍ e ENTÃO desde usos adverbiais no latim até os usos como conectores, e sobre as prováveis épocas em que cada um deles se tornou conector.

⁵ Neste estudo, optei por utilizar os termos da sociolinguística, *variante* e *variação*. Também seria possível, como se trata de um estudo sociofuncionalista, utilizar os termos do funcionalismo, *camada* e *estratificação*, ou combinar esses termos: *camadas/variantes* e *estratificação/variação*.

⁶ Hopper (1991) exemplifica o princípio da especialização com o caso do *pas* negativo em francês. Historicamente, a partícula negativa era *ne* e nomes como *pas* (“passo”) ligavam-se a verbos de movimento para enfatizar a negação, assim como nomes como *mie* (“migalha”) ligavam-se a verbos como “dar” e “comer”. No século XVI, somente *pas* e *point* (“ponto”) atuavam como enfatizadores de negação e, deles, somente *pas* se tornou uma verdadeira partícula negativa, estendendo seus usos para outros verbos, não somente os de movimento. Ou seja, *pas* foi selecionado, entre outras formas possíveis, para especializar-se como partícula negativa e adquiriu um significado mais geral: no ponto inicial desse processo de mudança, *pas* enfatizava a negação codificada pela partícula *ne*, em contextos de verbos de movimento, e, no ponto final, tornou-se uma partícula que significa, por si só, negação, em quaisquer contextos.

controle de grupos de fatores linguísticos permite caracterizar os contextos preferenciais de uso de cada uma das variantes, e, assim, obter indícios de suas especializações.

Motivações cognitivas podem estar subjacentes às especializações sofridas por um dado item. Uma dessas motivações é representada pelo *princípio da marcação*. Givón (1995) propõe três critérios básicos de marcação: (i) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a não marcada; (ii) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente que a não marcada; (iii) complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa que a não marcada, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento. Com base em tais critérios, é possível distribuir as variantes que integram um mesmo domínio funcional em uma escala de menos a mais marcada, bem como avaliar os contextos de uso das mesmas. A hipótese é que contextos mais marcados atraiam formas mais marcadas, e contextos menos marcados atraiam formas menos marcadas. As formas tenderiam, pois, a especializar-se nos contextos mais compatíveis com seu grau de complexidade.

Tanto o funcionalismo norte-americano quanto a sociolinguística primam pelo tratamento empírico dos dados, recorrendo ambos à quantificação estatística. Os estudos sobre a gramaticalização geralmente se valem de frequências de uso para balizar achados referentes a percursos de mudança, com a hipótese de que quanto mais gramatical uma forma, mais frequente ela é. Os estudos variacionistas consideram frequências como indícios para atestar fenômenos de variação e de mudança em andamento, mas destacam, para essa mesma tarefa, também o peso relativo. Trata-se de uma medida multidimensional ou multivariada, obtida pela interação entre todos os fatores de cada grupo de fatores em relação à variável dependente, indicando a influência de cada um dos fatores sobre cada uma das variantes.

De acordo com Guy (1998), como todo aparecimento de uma variante é condicionado por uma gama de traços sociolinguísticos, a análise ideal é a multivariada. Nesse tipo de análise, os dados são configurados como uma função de múltiplas forças simultâneas, as quais podem inclusive atuar em diferentes direções. É indicado o *peso* (favorável ou desfavorável) de cada uma dessas forças. Neste estudo, frequências e pesos relativos são fornecidos pelo programa estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988), criado especialmente para fins de pesquisa sociolinguística. Ao

trabalhar com pesos relativos, o programa examina a contribuição de diversas influências simultâneas sobre os dados.

No âmbito do funcionalismo voltado à gramaticalização, normalmente são focalizados os estágios de mudança por que passa uma forma particular. Tal restrição dificulta o uso de pesos relativos, que pressupõe a análise de ao menos duas formas unidas por algum critério – mesmo significado, mesma função – e que considera a causação múltipla como determinante do quadro de distribuições dessas formas. No entanto, apesar de ser um instrumental típico da sociolinguística variacionista, a utilização de pesos relativos pode ser recomendável para uma abordagem sociofuncionalista, em que forças múltiplas também estão em jogo. Por exemplo, no caso da sequenciação retroativo-propulsora, os diversos traços ligados a seu contexto de uso (como as relações semântico-pragmáticas e os níveis de articulação, controlados aqui como grupos de fatores condicionadores) estão concomitantemente presentes a cada vez que um falante sequencia informações, e a interação das influências (favoráveis ou desfavoráveis) de cada um desses traços resulta na escolha entre uma ou outra das formas sequenciadoras.

3 RESULTADOS: UMA QUESTÃO DE MARCAÇÃO?

Empreguei os três critérios propostos por Givón (1995) na distinção de E, AÍ e ENTÃO quanto à marcação. Todavia, como originalmente postulado, o princípio da marcação envolve um parâmetro gramatical com somente dois valores (por exemplo, número singular e número plural). No caso da sequenciação retroativo-propulsora, temos um fenômeno de variação com três formas em jogo, o que impede a utilização dessa dicotomia marcado/ não marcado. É necessário, pois, tratar o fenômeno como escalar, distribuindo E, AÍ e ENTÃO na seguinte escala de marcação crescente: E > AÍ > ENTÃO. E é a forma mais recorrente, sendo responsável por 520 dados (58%) do total de 901 casos de sequenciação encontrados na amostra. Além disso, parece ser a forma mais fácil de processar: é a menor, além de ser átona, em oposição a AÍ e ENTÃO, que são tônicas. AÍ possui marcação intermediária, com frequência de 243 (27%). ENTÃO é a forma mais longa e menos frequente (138 dados e 15%), possivelmente exigindo mais atenção e tempo de processamento que as demais.

Se um sequenciador é mais ou menos marcado, será utilizado preferencialmente em certas circunstâncias, em detrimento de outros sequenciadores.

Assim, os critérios de marcação também são aplicados na distinção entre traços mais e menos complexos pertinentes aos grupos de fatores por mim controlados. É esperado que os fatores definidos como mais marcados favoreçam o emprego do conector mais marcado, e os fatores definidos como menos marcados favoreçam o emprego do conector menos marcado. Portanto, tenho por hipótese que as possíveis especializações de uso de cada conector relacionem-se a seu grau de marcação.

Para averiguar a validade de tal hipótese, realizei rodadas binárias distintas do programa VARBRUL, considerando cada variante *versus* as demais. Realizei também rodadas eneárias, que confirmam o panorama de condicionamentos apontado pelas rodadas binárias.

É preciso salientar, porém, que a proposta de distinção entre os conectores quanto à marcação não implica a existência de diferenças de função entre eles. O fato de um conector ser menos ou mais marcado indica que é mais ou menos provável em certos contextos, em detrimento de outros conectores de mesma ou semelhante função. Assim, E, AÍ e ENTÃO desempenham a mesma função, mas não possuem a mesma complexidade estrutural e cognitiva.

3.1 Relações semântico-pragmáticas

Os matizes de significado da sequenciação retroativo-propulsora, por mim denominados *relações semântico-pragmáticas*, são efeitos contextuais que podem ser atingidos a partir de vários indícios: o que foi dito antes, o que se seguiu, inferências e implicaturas em jogo no momento da interação. Delimitei, a partir da análise dos usos dados à sequenciação pelos natalenses, cinco relações semântico-pragmáticas. Embora E, AÍ e ENTÃO sejam utilizados na codificação de todas essas cinco relações, exemplifiquei com apenas um dado de cada um deles por uma questão de espaço.

1. SEQUENCIAÇÃO TEXTUAL: Estratégia linguística coesiva que assinala a ordem pela qual as unidades conectadas sucedem-se ao longo do tempo discursivo, salientando o encadeamento de uma porção discursiva anterior com uma posterior.

(1) todo mundo lá da casa chamando a gente pra tomar banho em outro lugar ... melhor ... a gente não foi ... a gente ficou lá ... depois ele foi tomar banho também E a gente tava com a irmã dele ... que a gente conheceu a irmã dele ... as primas deles ... depois a gente ficou conversando mas ele não chegou perto ... ele ainda não conhecia a gente (*Corpus Discurso & Gramática - Natal*)

2. SEQUENCIACÃO TEMPORAL: Apresentação de eventos no discurso de acordo com a ordem em que ocorreram no tempo, envolvendo a pressuposição de que o segundo evento ocorreu mais tarde em relação ao primeiro.

(2) antes eu tenho que quebrar ... pra coisar né? **AÍ** eu ... boto ... fica lá ... **AÍ** eu dou uma mexidinha ... (*Corpus Discurso & Gramática - Natal*)

3. INTRODUÇÃO DE EFEITO: Introdução de informações que representam consequência, conclusão, efeito ou resultado em relação ao que foi dito previamente.

(3) agora ... tem o outro lado que a gente vê assim nas pessoas não crentes ... eu acho que ... nas pessoas ... eu creio que elas ... que elas têm um certo medo ... na verdade ... de reconhecer o que elas são ... sabe ... eu acho que as pessoas lá fora ... elas têm medo de ... de repente dizer que estão erradas ... né ... **ENTÃO** elas preferem não crer ... preferem não acreditar ... enganar os outros dizendo que não acreditam ... porque na verdade ... acho que num tem ... essa história de uma pessoa ... assim ... completamente ateu ... às vezes eu tenho as minhas dúvidas ... (*Corpus Discurso & Gramática - Natal*)

4. RETOMADA: Movimento de recuperação do fluxo temático anterior, interrompido por uma digressão. Geralmente, no processo de retomada, a informação reatada com o trecho anterior reaparece de forma literal ou com a alteração de alguns vocábulos.

(4) segunda ... quarta ... e sexta ... a gente atende os pacientes ... e terças e quintas a gente resolve a parte burocrática da clínica ... sabe? assim ... botar em dia os papéis ... de convênios que às vezes ele ... ele opera em outros hospitais ... por exemplo ... pela Petrobrás ... aí ele vai dizer pra mim o que que ele tá fazendo lá ... pra mim proceder na folha ... visita ... cirurgia ... curativo ... que dia foi ... como foi ... sabe ... essas coisas ... aí tem que botar em dia ... **AÍ** a gente pega terças e quintas pra fazer isso ... porque aí num dá ... a pessoa atender todos os dias ... aí atrasa o trabalho burocrático ... e coisas que tem que resolver ... assim no banco ... essas coisas ... (*Corpus Discurso & Gramática - Natal*)

5. FINALIZAÇÃO: Adição de uma oração que sinaliza o final de um tópico/assunto ou subtópico. Nota-se em tal oração a presença de elementos anafóricos (como “isso”, “essa”, “assim”, etc). Depois da introdução da informação finalizadora, segue-se o silêncio indicador do abandono do turno de fala ou então repetições e hesitações, sinais de desgaste do tópico, manifestando a intenção do falante em abandoná-lo.

(5) tinha um:: uma espécie de teatro próximo ao banheiro ... assim ... atrás de um banheiro ... acho que é onde o pessoal se reunia para debate ... qualquer coisa assim e tinha uns dez metros quadrados ... e ... nos banheiros tinha:: tinha um banheiro grande ... né ... muito grande ... que era um coletivo masculino ...

é:: mais ou menos quatro boxes e três chuveiros e tinha também ... dois banheiros individuais que ... um masculino e outro feminino ... onde não tinha coletivo feminino ... tinha só o masculino ... ENTÃO acho que da escola era só isso mesmo ... pelo menos o que eu vi ... (*Corpus Discurso & Gramática - Natal*)

Considerarei como critério principal para a diferenciação das relações semântico-pragmáticas quanto à marcação os traços semântico-pragmáticos característicos de cada relação.⁷ Tratei esses traços como possíveis reflexos de maior ou menor complexidade cognitiva em termos do processamento das informações.

A sequenciação textual é a menos marcada entre as relações semântico-pragmáticas aqui consideradas: indica apenas a progressão dos enunciados ao longo do tempo discursivo, assinalando a ordem sequencial pela qual eles são apresentados e desenvolvidos. Trata-se, portanto, de uma estratégia puramente coesiva, que não dispara, no interlocutor, a necessidade de busca por matizes de significação outros além da indicação de que um dos enunciados interligados relaciona-se com o outro ou de que ambos relacionam-se ao mesmo tópico. Representa, por conseguinte, um processamento mental mais rápido e econômico.

A sequenciação temporal possui um traço de significado a mais, pois indica a cronologia dos eventos narrados, colocando em evidência não apenas a ordenação discursiva, mas também a ordenação temporal cronológica. Atua, assim, num plano mais concreto do que as demais relações semântico-pragmáticas. Matizes de natureza concreta não exigem um processamento cognitivo árduo, uma vez que estão relacionados a experiências mais básicas dos seres humanos com a realidade circundante, com o mundo que se oferece aos sentidos. Por essa razão, a sequenciação temporal poderia ser tomada como pouco complexa, mas, por conta do traço temporal, ela deve exigir um pouco mais de esforço cognitivo que a sequenciação textual. Assim, defino-a uma função de marcação intermediária, próxima, porém, da baixa marcação.

A introdução de efeito apresenta um grau de complexidade maior, já que introduz informações que representam conclusão ou consequência em relação ao que foi dito anteriormente. O estabelecimento de tais relações requer do usuário da língua uma elaboração mental complexa, deixando vir à tona um viés argumentativo, vinculado mais ao mundo do dizer que ao mundo concreto. No caso da consequência,

⁷ Os critérios de Givón (1995) para a diferenciação de graus de marcação relacionam-se à frequência, à estrutura e à complexidade cognitiva, da qual as duas primeiras são reflexos concretizados no texto e, portanto, capazes de ser mensurados. Os traços semântico-pragmáticos também são reflexos de maior ou menor complexidade cognitiva, podendo servir como indícios textuais para o mapeamento de diferentes graus de marcação.

é o falante e não o mundo exterior que apresenta um evento como consequência do outro, mesmo que nuances de sucessão temporal estejam em jogo. No caso da conclusão, há uma tentativa de convencer o interlocutor de que, dos argumentos anteriormente dados, é possível alcançar uma certa conclusão, aquela fornecida pelo falante. Consequência e conclusão são integrantes do conjunto de relações atribuídas pelos homens em seu processo de apreensão da realidade (dentre as quais encontram-se causa, finalidade, pertinência, analogia, etc). Considero a introdução de efeito uma função de marcação intermediária, próxima, porém, da alta marcação.

A retomada e a finalização são enraizações de usos específicos dados à sequenciação textual. São, desse modo, igualmente genéricas em termos de matizes de significado, exibindo, a exemplo desta, apenas sucessão discursiva. No entanto, trata-se de relações semântico-pragmáticas bastante complexas. A característica definidora da retomada é o movimento de recuperação de informações anteriores, fornecendo pistas para o interlocutor acerca da volta da sequência discursiva que vinha sendo desenvolvida e que fora interrompida por uma digressão. O ouvinte tem de estar bastante atento para perceber que os rumos do discurso foram deslocados da digressão para sua linha condutora central. Por sua vez, a finalização destaca a informação que introduz como representando o final do tópico ou do subtópico em andamento até então, o que requer grande esforço cognitivo por parte do ouvinte para que perceba que o turno está sendo encerrado e tome, frente a isso, alguma atitude, bem como por parte do falante, que precisa organizar a estratégia de finalização com cuidado para que ela se torne perceptível. A retomada e a finalização são, portanto, as relações semântico-pragmáticas mais marcadas.

As hipóteses que teçi quanto à marcação são as seguintes: como a sequenciação textual é menos complexa cognitivamente, deve favorecer E, o conector menos marcado. ENTÃO, mais marcado, deve ser condicionado em especial pela retomada e pela finalização, as relações semântico-pragmáticas mais marcadas. É possível que AÍ, intermediário entre E e ENTÃO quanto à marcação, sejam preferido na indicação de relações semântico-pragmáticas intermediárias quanto à marcação. Observemos os resultados.

Conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO na fala de Natal/RN: Índícios de especialização funcional

Tabela 1: Influência das relações semântico-pragmáticas sobre o uso de E, AÍ e

ENTÃO

RELAÇÕES	E			AÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Sequenciação textual	336/453	74	0,70	75/453	17	0,37	42/453	09	0,42
Sequenciação temporal	119/221	54	0,42	94/221	43	0,68	08/221	04	0,28
Introdução de efeito	47/172	27	0,15	54/172	31	0,60	71/172	41	0,86
Retomada	12/42	29	0,35	18/42	43	0,61	12/42	29	0,65
Finalização	6/13	46	0,48	2/13	15	0,22	5/13	38	0,85
TOTAL	520/901	58		243/901	27		138/901	15	

A previsão de que E seria favorecido pela relação semântico-pragmática menos marcada, a sequenciação textual, foi confirmada: o peso relativo associado à utilização de E na codificação da relação em questão é de 0,70 e a frequência é de 74%, o que indica um largo favorecimento desse conector. Quanto a AÍ, a sequenciação temporal, de marcação intermediária para baixa, condiciona favoravelmente o seu uso (frequência de 43% e peso relativo de 0,68). AÍ também recebe destaque na codificação da introdução de efeito, de marcação intermediária para alta (frequência de 31% e peso relativo de 0,60), e na codificação da retomada, relação de alta marcação (frequência de 43% e peso relativo de 0,61). O aparecimento do ENTÃO está intensamente correlacionado, com percentagens e pesos relativos de valor bastante elevado, às duas relações semântico-pragmáticas mais marcadas e àquela de marcação intermediária para alta - finalização, retomada e introdução de efeito -, o que vai ao encontro da hipótese inicial.

3.2 Níveis de articulação

Controlei dois níveis de articulação relacionados aos contextos de uso da sequenciação retroativo-propulsora: segmentos tópicos e segmentos oracionais.

1. SEGMENTO TÓPICO: O conector interliga dois segmentos tópicos, integrantes de um subtópico ou tópico maior.

(1) no gol tem goleiro ... mas só que o goleiro ... quando se chuta o goleiro não pode ficar se mexendo ... **ENTÃO** o jogador pede a gol ... o goleiro posiciona o jogador ... tira a mão e deixa ele chutar (*Corpus Discurso & Gramática - Natal*)

2. SEGMENTO ORACIONAL: O conector interliga segmentos tópicos que possuem fortes elos de integração. A opção por desmembrar um nível de articulação oracional deve-se ao fato de que a interligação de certos segmentos tópicos constitui uma porção linguística mais amarrada (cf. (2)), diferente do que acontece com os segmentos tópicos mais amplos (cf. (1)). Os contextos em que há pausa ou elementos intervenientes coincidindo com o ponto em que a relação de sequenciação se manifesta foram considerados como exibindo interligação entre segmentos tópicos, pois o fluxo discursivo foi quebrado. Apenas os casos em que este não é rompido estão agrupados como “segmento oracional”.

(2) ele disse bem assim ... “todo mundo já sabe quem é?” ... aí a galera ficou calada e não sei que ... aí eu só olhei para ele **E** só falei chorar ... fiquei emocionado e tudo mais ... a galera aplaudindo e tudo mais ... (*Corpus Discurso & Gramática - Natal*)

Podemos relacionar os níveis de articulação à questão da coerência discursiva. Segundo Givón (1995, 2005), enquanto propriedade observável no texto, a coerência pode ser definida como continuidade ou recorrência de algum(ns) elemento(s) sobre um determinado espaço textual. Entre tais elementos, seis são apontados pelo autor como os melhores indícios para a avaliação da coerência, por serem de natureza mais concreta e, por isso, mais facilmente mensuráveis. São eles: referência, localização, temporalidade, aspectualidade, modalidade/ modo e ação/ evento. Givón (2005) acrescenta um sétimo elemento à lista: perspectiva de voz (por exemplo, do narrador na ficção). Esses subcomponentes da coerência podem se estender seja localmente, entre segmentos adjacentes, seja globalmente, ao longo de estruturas textuais maiores.

Os níveis de articulação discursiva podem ser considerados diferentes níveis de coerência, da mais local, com maior continuidade referencial, temporal, etc, que ocorre na articulação entre segmentos oracionais, à coerência mais global, com maior descontinuidade entre seus subcomponentes, que ocorre na articulação entre segmentos tópicos.

Conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO na fala de Natal/RN: Índícios de especialização funcional

A definição de coerência enquanto propriedade observável no texto é de natureza heurístico-metodológica. De acordo com Givón (*op. cit.*), a coerência também pode ser definida, do ponto de vista cognitivo, como um processo que se dá na mente de quem produz e compreende textos. Trata-se, portanto, de um fenômeno de face dupla: pode ser abordado do ponto de vista de seus reflexos mensuráveis no texto, como a (des)continuidade referencial, temporal, aspectual, etc, e do ponto de vista dos processos mentais envolvidos em sua produção. A coerência no texto, isto é, suas marcas e pistas expressas materialmente, é reflexo de sua contraparte cognitiva, dos processos mentais responsáveis pela organização coerente do texto.

Nessa perspectiva, a articulação entre segmentos oracionais pode ser considerada como reflexo de processamento mental menos complexo. Isso se motiva pelo fato de tal articulação ser ligada à coerência local, que presumivelmente envolve maior facilidade de processamento, uma vez que é caracterizada por maior continuidade dos subcomponentes da coerência: referencialidade, temporalidade, aspectualidade, etc. A continuidade desses elementos resulta em um maior amarramento entre as informações conectadas, o que permite um processamento mais automático das mesmas, tanto do ponto de vista da elaboração quanto da compreensão.

Diferentemente, os níveis mais globais de coerência são reflexos de processamento mais complexos, o que é verificado na articulação entre segmentos tópicos. Quanto maior a ruptura entre as informações na fala, maior a complexidade cognitiva necessária para processá-las e interpretá-las, o que leva à necessidade de maior marcação linguística. Dessa guisa, ENTÃO, o conector mais marcado, deve ser bastante propenso a exibir a articulação entre segmentos tópicos, caracterizada por maior descontinuidade entre informações anteriores e posteriores. Em contraste, E, o conector menos marcado, deve predominar na articulação entre segmentos oracionais, nível que demanda processamento menos complexo. Observemos os resultados.

Tabela 2: Influência dos níveis de articulação sobre o uso de E, AÍ e ENTÃO

NÍVEIS	E			AÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Segmento oracional	161/177	91	0,91	11/177	06	0,18	5/177	03	0,11
Segmento tópico	359/724	50	0,36	232/724	32	0,59	133/724	18	0,62
TOTAL	520/901	58		243/901	27		138/901	15	

Confirmando a hipótese inicial, o nível de articulação dos segmentos oracionais funciona como um ímã para E (com frequência de 91% e peso relativo de 0,91). O nível dos segmentos tópicos é o que mais favorece o uso de AÍ (com frequência de 32% e peso relativo de 0,59) e de ENTÃO (com frequência de 18% e peso relativo de 0,62). Esse resultado vai ao encontro da hipótese de ser este último conector, o mais marcado, propenso a ocorrer no nível de articulação mais global, caracterizado por maior ruptura entre informações anteriores e posteriores. Neste quesito, AÍ, de marcação intermediária, apresenta comportamento bastante similar ao de ENTÃO, ocorrendo pouco na interligação de orações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização repetida de uma certa forma variante em um dado contexto pode fazer com que, com o passar do tempo, tal forma torne-se especializada para o contexto em questão, superando suas concorrentes. Há, a princípio, duas possibilidades, especialização por generalização e especialização por especificação.

Consideremos inicialmente a hipótese de solução do fenômeno de variação entre E, AÍ e ENTÃO através do processo de especificação por generalização, que se refere ao predomínio de uma das variantes sobre as demais, passando aquela a ter um significado gramatical mais geral, e essas passando a correr inclusive o risco de desaparecer da língua. Os resultados obtidos neste estudo não apontam nessa direção, pois, embora o conector E seja o mais frequente a codificar o significado relacional de continuidade e consonância ligado à sequenciação retroativo-propulsora (58% do total de dados), AÍ e ENTÃO também codificam recorrentemente esse significado (27% e 15% do total de dados, respectivamente).

Consideremos, então, a possibilidade de especialização por especificação: ela diz respeito não ao predomínio de uso de uma das variantes da sequenciação retroativo-propulsora tal que possa inclusive haver a eliminação das concorrentes, mas sim à especialização de cada variante para contextos distintos. Os resultados obtidos mostram haver uma tendência de maior especialização de E para a sequenciação textual (74% dos dados e 0,70 de peso relativo) e para o nível de articulação dos segmentos oracionais (91% dos dados e 0,91 de peso relativo). AÍ, por sua vez, está mais especializado para a sequenciação temporal (43% dos dados e 0,68 de peso

relativo), e ENTÃO para a finalização (38% dos dados e 0,85 de peso relativo). Além disso, verifiquei haver algumas disputas por especializações mais localizadas, isto é, envolvendo mais diretamente dois dos conectores: AÍ e ENTÃO concorrem em contextos de introdução de efeito, de retomada e de segmentos tópicos.

Uma futura especialização de E, AÍ e ENTÃO para diferentes relações semântico-pragmáticas e/ou para diferentes níveis de articulação poderia resultar na extinção da situação de variação observada entre esses conectores na fala natalense. No entanto, os resultados obtidos apenas ressaltam tendências de especialização dessas formas variantes, não tendo sido constatado o uso categórico de nenhuma delas em uma ou mais das relações semântico-pragmáticas ou em um ou mais dos níveis de articulação. Portanto, embora o pêndulo, dependendo da relação semântico-pragmática ou do nível de articulação considerados, aponte ora para um ora para outro dos conectores, nenhuma especialização conector-relação semântico-pragmática ou conector-nível de articulação está consolidada até o momento: E, AÍ e ENTÃO são empregados, variavelmente, em todas as relações semântico-pragmáticas e em todos os níveis de articulação controlados neste estudo. Tenho, porém, um diagnóstico de existência de uma especialização bastante avançada por parte do conector E: a articulação de segmentos oracionais, com frequência de 91% e peso relativo de 0,91. Contudo, mesmo nesse contexto, há ocorrências de AÍ e ENTÃO.

Na retaguarda das disputas por especialização travadas por E, AÍ e ENTÃO, observei a pressão exercida pelo princípio cognitivo-comunicativo da marcação. E, o conector menos marcado, é favorecido em contextos menos marcados: a relação semântico-pragmática de sequenciação textual e o nível de articulação dos segmentos oracionais. Por sua vez, ENTÃO, o conector mais marcado, recebe destaque em contextos mais marcados: as relações semântico-pragmáticas de retomada e finalização, e o nível de articulação dos segmentos oracionais, e também na relação de introdução de efeito, de marcação intermediária para alta.

AÍ é condicionado favoravelmente pela sequenciação temporal, de marcação intermediária para baixa, e pela introdução de efeito, de marcação intermediária para alta. Todavia, concorre com ENTÃO em contextos de alta marcação, como a retomada e o nível de articulação de segmentos tópicos. Acredito que o fato de AÍ ter marcação intermediária possa fazê-lo oscilar entre contextos de diferentes graus de marcação.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, Joan; HOPPER, Paul John (Eds). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John. Benjamins, 2001. p. 01-24.
- FORD, Cecilia E.; FOX, Barbara A.; THOMPSON, Sandra A. Social interaction and grammar. In: TOMASELLO, Michael (Ed). **The new psychology of language**. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 119-143.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org). **Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.
- GIVÓN, Talmy. **Context as other's minds**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GUY, Gregory R. VARBRUL: Análise avançada. [Tradução de Ana Maria Stahl Zilles.] **Cadernos de Tradução**, v. 1, 1998, p. 27-49.
- HOPPER, Paul John. Emergent grammar. **Berkeley Linguistic Society**, v. 13, 1987, p. 139-157.
- HOPPER, Paul John. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs;
- HEINE, Bernd (Eds). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.
- HOPPER, Paul John.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, n. 44, 1978.
- NARO, Anthony J.; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolinguística/gramaticalização. **Gragoatá**, v. 9, 2000, p. 125-134.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. Especial, 1999, p.71-104.
- PINTZUK, Susan. **VARBRUL program**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1988. Impresso.
- TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-**

propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

TAVARES, Maria Alice. **Sequenciação de informações em Natal**: uma abordagem sociofuncionalista. Relatório de Pesquisa. 2008. Impresso.

TAVARES, Maria Alice. **Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

THOMPSON, Sandra A.; COUPER-KUHLEN, Elizabeth. The clause as a locus of grammar and interaction. **Discourse Studies**, v. 7, n. 4-5, 2005, p. 481-506.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. (Eds). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.